

A POESIA COMO RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE GENERAIS, FUZIS E MORDAÇAS

Márcia Adriana Souza Verona¹

Maria Inês Resende²

Paulo Roberto Antunes³

A produção literária poética brasileira que se firmou no Brasil a partir do golpe militar de 1964, teve como característica, senão marcante, mas pelo menos predominante, um ar de engajamento político contestatório, demonstrando a insatisfação dos artistas e intelectuais com o regime ditatorial implantado. Tal insatisfação não ficou restrita ao âmbito intelectual, haja vista a eclosão de passeatas e atos de protestos realizados por populares, especialmente durante o período em que os militares ainda não haviam promulgado o Ato Institucional nº. 05.

Este trabalho propõe a reativação de novas reflexões e olhares sobre um instrumento de coação – a censura prévia ou não a obras literárias – que em vários períodos da história brasileira se fez presente, prejudicando as liberdades individuais e o livre arbítrio dos artistas e do próprio povo como espectador/leitor dos escritores do País. Por meio de uma sintética incursão em período não tão distante da História Contemporânea Brasileira, ver-se-á, nesta comunicação, uma forma de instigação ao repensar o passado para se evitar a re-instauração da censura no presente, especialmente num momento em que a fragilidade da democracia é visível e preocupante, haja vista que, recentemente, membros dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário esboçaram gestos de simpatia para com a censura e seus admiradores.

Sabe-se que toda forma de manifestação artística é o espelho do momento vivido pelo artista que o produz, configurando-se, portanto, como porta-voz dos anseios e ideais de uma comunidade. Assim fica fácil depreender que o discurso literário esbarra na verossimilhança com a realidade externa de quem o produz.

Pode-se dizer que o discurso literário, consagradamente tido como campo preferencial de realização do imaginário, comporta também, a preocupação da verossimilhança. A ficção não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites de criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador. (...) Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta. Ou seja, a leitura da literatura pela história não se faz de maneira literal, e o que nela se resgata é rerepresentação do mundo que comporta a forma narrativa. Aliás, pode-se argumentar que, segundo esta postura, a história também não é passível de uma leitura literal, sendo também ela uma representação do real e comportando, pois, atribuição de sentido. (PESAVENTO, 1999: 820)

Nítida se tem essa verossimilhança apontada em trecho da música “Construção”, de Chico Buarque de Hollanda, que se apresenta como uma narrativa na qual o sujeito protagonista é descrito como um indeterminado operário da construção civil em meio à grande massa de trabalhadores explorados pelo sistema sócio-econômico e político vigente à época. Veja-se que “o momento histórico de produção da canção foi marcado por acidentes de trabalho, baixos salários e longas jornadas de trabalho na sociedade brasileira”. (KOGAWA, 2005:06)

Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego.¹

Neste trabalho, o enfoque dado à obra de Chico Buarque de Hollanda não se realiza por acaso. É fato público e notório que esse compositor foi a voz maior de toda uma geração reprimida pela censura dos militares imposta ao maior país de extensão territorial da América do Sul:

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão, não
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão (...).²

Sendo o poeta e compositor Chico Buarque integrante de uma geração que sofreu intensa repressão (principalmente no período do Governo Médici), sua obra poético-musical não poderia deixar de espelhar toda essa angústia, toda essa voz calada a que as pessoas por conta da censura oficial ou da autocensura se obrigavam. Mesmo não havendo em muitas músicas suas o protesto e a contestação que se imaginava, e que, por força das circunstâncias, as pessoas não podiam expressar livremente, Chico tornou-se, por assim dizer, o porta-voz disso tudo. (CARVALHO, 1982: 17)

Historicamente, o período do governo do general Emílio Garrastazu Médici é considerado o mais repressor e truculento do período iniciado pelo golpe de 1964 cujo ciclo teve fim com a eleição de Tancredo Neves para presidente do Brasil em 1985. Durante o tempo em que se manteve no poder, o general e sua equipe governamental souberam dissimular uma aparente calma relativamente à vida cultural, política e estudantil brasileira por meio da censura acirrada aos órgãos de imprensa e às instituições políticas e educacionais. Seu período como chefe de estado é considerado a fase mais negra de todos os governos de força até então impostos aos brasileiros.

Visto pelas suas aparências, o governo Médici foi de relativa calma. Não houve marchas estudantis, piquetes de trabalhadores em greve, nem comícios com a

¹ Trecho da música “Construção” gravada em 1971 em LP de mesmo nome.

² Trecho da música “Apesar de Você” gravada em 1970 no LP.

costumada oratória demagógica. Ou, pelo menos, nada que o grande público pudesse ver ou saber. A repressão e a censura do governo eram a razão principal. Os estudantes, por exemplo, um dos principais focos de oposição em 1968, foram silenciados pela violenta intervenção nas universidades, que resultou em expulsões, prisões e torturas para muitos. A repressão mostrava-se também eficiente contra as guerrilhas. (SKIDMORE, 1988: 214, 215)

Mas nem isso fez com que se arrefecesse o ânimo dos poetas na tentativa de divulgarem seus trabalhos minados de frases de efeito, ambigüidades e outros recursos lingüísticos utilizados para driblarem a censura. Exemplo claro foi a realização, em pleno ano de 1973, do Festival Phono 73 que reuniu no Anhembi, em São Paulo, cantores das mais diversas correntes musicais num espetáculo eclético com ícones da MPB e da considerada “música brega”. O show, uma afronta à ditadura imposta, teve momentos patéticos de censura, pois “o teatro estava cheio de agentes de terninho azul, que deram à mesa de som a ordem de desligar” a parafernália acústica durante tentativas de se cantar músicas de protesto, conforme relembra o diretor do evento, Armando Pittigliani.³

Era 1973. Uma multiplicada pela outra, a tensão e a criatividade correram em pistas paralelas de mão dupla durante os quatro dias do festival *Phono 73*, que reuniu o volumoso e heterogêneo elenco da gravadora Philips numa hercúlea demonstração de força, união e resistência contra a asfixia imposta pelo regime militar. (SANCHES, 2005: 74)

À proporção que a censura se robustecia nos anos de chumbo, também eram fortalecidas as formas de imunidade em relação à mesma. E Buarque, como ninguém, soube tão bem fazer esse jogo lingüístico, torcendo, retorcendo, criando, recriando, emoldurando a palavra em verdadeiros malabarismos verbais para que sua arte chegasse ao povo, público-alvo de suas mensagens veladas. E quais as maneiras de driblar a censura? Felizmente, restou sempre a possibilidade daquilo que Caetano Veloso chamaria de “a linguagem da fresta”(...) (BOLLE, 1980: 7)

É trivial em qualquer parte do mundo o surgimento de vozes poéticas engajadas e contestatórias durante períodos de exceção democrática. E quanto mais acentuada se torna a repressão, maiores são os recursos estilísticos utilizados pelos poetas para a confecção de sua arte na tentativa de mantê-la imune das mordidas dos generais. Não foi nem é diferente no Brasil nem o foi ou o será em outra parte do mundo onde impere a violência contra o povo, o poeta e a poesia.

Num tempo em que a tortura a presos políticos imperava e a mídia se via impossibilitada de denunciar essa violação contra a dignidade humana, a poética de Chico mergulhou fundo na questão criando uma das mais belas canções que compõe o conjunto de sua obra e se tem como paradigma de denúncia contra as sevícias impostas aos seres humanos. Em “Angélica”⁴, o eu lírico do poeta questiona explicitamente sobre a mãe de um preso político torturado, morto e desaparecido:

³ Depoimento contido na Seção Plural, intitulado “A Rebeldia Recuperada – música: as imagens tensas da MPB sob censura, em 1973, saem do anonimato”, redigida por Pedro Alexandre Sanches na Revista Carta Capital de 23 de novembro de 2005, ano XII, número 369, da Editora Confiança Ltda.

⁴ Música e letra compostas em 1977 em parceria com Miltonho.

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar.

E, concomitantemente, se faz agente discursivo da voz maternal que responde aos questionamentos do poeta num lamento que traz implicitamente pistas sobre o local onde o corpo do torturado teria sido jogado,

(...) Que mora na escuridão do mar; a tortura sofrida até a morte:
(...) Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar ,e, ainda, sobre o silêncio letal do militante de esquerda:
(...) Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar.

“Angélica” é o reflexo e desabafo do poeta em relação à história de Zuleika Angel Jones, estilista carioca que obstinadamente, nos anos de chumbo, denunciava e investigava a morte de seu filho, Stuart Angel, ocorrida nos “porões” da ditadura militar. Terminou morta pelo mesmo sistema político que desapareceu com o corpo de seu filho. Durante seu período de procura pelas evidências da morte, elegeu o poeta Chico Buarque como um dos seus confidentes.

No dia 14 de maio de 1976, Zuleika Angel Jones, a solitária e obstinada mãe brasileira, pedia sua batalha final contra os algozes de seu filho Stuart Angel. Torturado, arrastado por uma corda amarada num jipe militar e com a boca colada no cano de descarga, Stuart morreu nas sombras, sem que a família tivesse sequer o direito de velar seu corpo (...)
(...) Zuzu sabia o que fazia quando elegeu Chico Buarque para desabafar sua dor e fazer dele o depositário de muitos bilhetes que se transformariam num verdadeiro dossiê. (ZAPPA, 1999: 125, 126)

Entre outras inúmeras vozes poéticas que fitaram com perplexidade olhos marciais, sentiram o peso de leis escritas com fuzis e amargaram o gosto da mordada, destaca-se também o poeta maranhense Ferreira Gullar que, juntamente com outros intelectuais, foi preso em 1968 e, em 1971, obrigado a exilar-se na França. Nos cinco anos e oito meses em que esteve no exílio, Gullar publicou duas obras bastante significativas para a poesia brasileira: *Dentro da Noite Veloz* e *Poema Sujo*. (BRAIT: 1981, 7).

De forma contundente, sem resquícios de sutileza vocabular, Gullar em “*Dentro da Noite Veloz*” faz alusão às almejadas mudanças pretendidas pelo povo, seja em tons interrogativos:

(...) Serei uma merda
quero ser uma merda
Quero de fato viver.
Mas onde está essa imunda
vida – mesmo imunda?
No hospício?
num santo

ofício?
no orifício
da bunda?
Devo mudar o mundo,
a República? A vida
terei de plantá-la
como um estandarte
em praça pública? (...) ⁵

Seja em afirmações oracionais permeadas por aliteraões e assonâncias que conferem melodia e apurado senso estético à poesia:

A vida muda como a cor dos frutos
lentamente
e para sempre
A vida muda como a flor em fruto
velozmente
A vida muda como a água em folhas
o sonho em luz elétrica
a rosa desembulha do carbono
o pássaro, da boca
mas
quando for tempo
E é tempo todo tempo
mas
não basta um século para fazer a pétala
que um só minuto faz
ou não
mas
a vida muda
a vida muda o morto em multidão. ⁶

O final do poema é interpretado como nítida alusão aos presos políticos mortos pelo regime, mas ressuscitados pela memória comunitária que multiplica suas idéias, criando uma onda renitente de oposição e eco frente à opressão. Oportuna se torna a lembrança de que foi no ano de 1975 que os órgãos de repressão deram fim à vida do jornalista Vladimir Herzog, posteriormente convertido em ícone da resistência anti-terror institucional.

No final de 1975, um crime brutal pôs a descoberto a face mais repressiva do regime e, ao mesmo tempo, marcou o início de mais uma fase da luta do povo em prol da democracia e do controle sobre os atos dos governantes (...) Todos sabiam o que de fato acontecera. Vladimir Herzog não se suicidara: fora assassinado sob

⁵ “Dentro da Noite Veloz”, obra publicada em 1975, quando o escritor se encontrava no exílio, tendo morado, inicialmente, na França (Paris), depois no Chile, Peru e Argentina, sendo que em tal ano o poeta lecionava Português neste país.

⁶ Idem.

torturas. Dessa vez, porém, o cinismo das autoridades não funcionou. Apesar da repressão policial, um culto ecumênico em memória de Herzog foi realizado na Catedral da Sé, com grande participação popular tendo à frente o cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e o rabino Henry Sobel. (...) (PILETTI, 1997: 298, 299)

Enfim, chegando-se à conclusão deste trabalho, há de se frisar que, apesar do grande destaque realizado à figura de Chico Buarque de Hollanda, na realidade, pretendeu-se abrir um precedente para uma larga discussão acerca de repressão às liberdades artísticas nestes tempos atuais, em que as polêmicas referentes à censura voltam à tona devido a ensaios de atos governamentais e jurídicos que, se já não ressuscitaram a censura prévia no Brasil, pelo menos estiveram muito próximo de fazê-lo. Resta, finalmente, o convite à reflexões e discussões acerca do papel da mídia, dos intelectuais, das academias e de todos os setores sociais preocupados com a ressurreição dessa abominável forma de manipulação de massa que, no entendimento de muitos, já se encontra a largos passos para se efetivar com força de lei neste país que mal saiu de um período de obscurantismo e trevas que macularam as liberdades democráticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. **Literatura Comentada** – Chico Buarque de Hollanda. São Paulo: Abril Educação, 1980.

BRAIT, Beth. **Literatura Comentada** – Ferreira Gullar. São Paulo: Abril Educação, 1981.

CARVALHO, Gilberto de. **Chico Buarque** - Análise Poético-Musical. Rio de Janeiro: Editora Codecri Ltda, 2ª. Edição, 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil. (Séculos XIX e XX). In: Anos 90. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade/UFRGS, no. 04, 1995.

PILETTI, Nelson. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

REVISTA CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança Ltda, ano XII, no. 369, 32-11-2005.

ZAPPA, Regina. **Chico Buarque** – Perfis do Rio. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

SKIDIMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo** – 1964 – 1985. Tradução de Mário Salviano Silva. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1988.

www.uem.br/urutagua/007/07kogawa.htm, acessado em 06-07-2007, 21h02minutos.

¹ Márcia Adriana de Souza VERONA, Mestranda em Letras: Literatura Brasileira
(Centro Superior de Juiz de Fora – CES/JF)
E-mail: masverona1@yahoo.com.br

² Maria Inês RESENDE, Graduada em Letras
Graduada em Letras, Professora da Faculdade Santa Rita
Professora da Faculdade Santa Rita

³ Paulo Roberto ANTUNES, Mestre em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso.
Professor da Faculdade Santa Rita - FASAR